

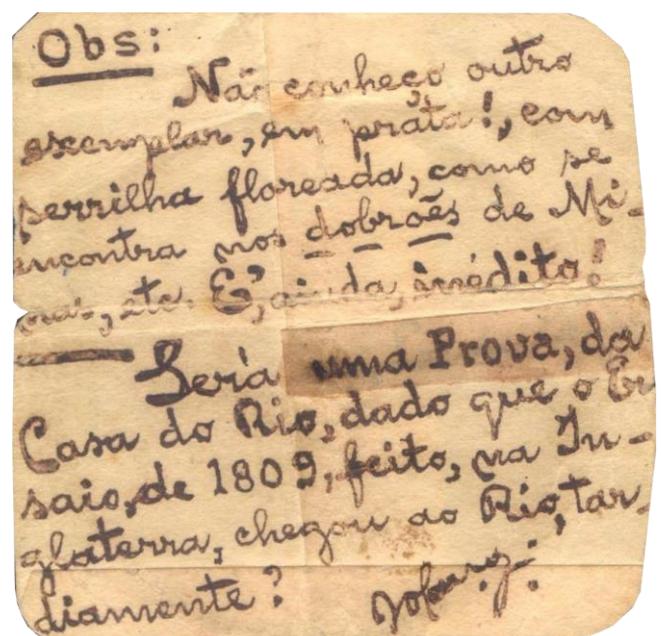
## A PROVA DE 960 RÉIS 1810R SUPOSTA PARA SOLANO DE BARROS (SSB)

Alexandre Cabral da Costa, David André Levy, Hilton Aparecido Magri Lucio e Thiago da Silva Castro

Assim como qualquer outro campo do conhecimento, a Numismática se beneficia enormemente da troca de informações através da internet. Assuntos que antes eram tipicamente tratados por um grupo reduzido de pessoas, agora podem ser revisitados por qualquer um que tenha um mínimo de curiosidade.

Recentemente, os autores que assinam este pequeno artigo se depararam com um dos “mistérios” da Numismática brasileira. As aspas ao redor da palavra mistérios obviamente sugerem que esta condição não resiste a um exame um pouco mais aprofundado.

A peça em questão é uma dita “prova raríssima” de 960 réis do ano de 1810, da Casa da Moeda do Rio de Janeiro, que pertenceu a coleção Solano de Barros e foi posteriormente examinada por Lupérico G. Ferreira.



Figuras 1 e 2: Anverso e Reverso da “prova” de 1810 / Envelope original com texto a mão de Solano de Barros

Tal “prova raríssima” fora inicialmente descrita por Solano de Barros, como visto acima, cheio de interrogações, como sendo uma possível prova do ano de 1810, única em prata conhecida e com a mesma serrilha floreada tal qual a dos dobrões de Minas Gerais.

#### **A ratificação de Lupércio:**

Cerca de 50 anos depois, já em 1990, Lupércio Gonçalves Ferreira recebera foto da mesma moeda e asseverando ser legítima, persistiu na mesma dúvida de Solano de Barros:

“Seria uma prova?”.

Três anos depois, já com a moeda em mãos, o mesmo Lupércio crava: “Tudo indica ser uma prova!”.

Passam-se os anos e o que fora apontado pelos dois numismatas de renome, para muitos, continuou incólume: é considerada uma prova, a única conhecida, avalizada por dois grandes numismatas!

Justiça seja feita, naquela época os recursos eram mais limitados, a comunicação entre colecionadores geograficamente dispersos era difícil, e o compartilhamento de imagens era complicado. Hoje, com tudo do que dispomos, além de uma base de colecionadores maior e mais ativa, não há porque aceitarmos verdades absolutas sem nos questionarmos de onde elas vêm.

E então nos damos conta do valor da informação e mais ainda, do que se pode conseguir com a disponibilização dela.

#### **Desvendando o mistério:**

Fernando Brandão Correia foi um grande colecionador baiano. Falecido em Abril de 2011, sua coleção de moedas brasileiras foi superada por poucos na história da numismática pátria. Ele era também um ávido colecionador de moedas falsas e, ao menos na experiência destes autores, possuiu a mais abrangente coleção de falsificações do Brasil.

De acordo com a coleção disponibilizada pelo Clube Filatélico e Numismático de Taquara, através de uma monografia<sup>1</sup>, a “prova” em questão é uma falsificação mais do que comum, e devidamente identificada por Fernando Brandão Correia. Sua coleção possuía ao menos três exemplares idênticos, descritos como:

1810 COLONIA VAR 7 - G TP(+T) GE 8.8 ?5 9.9

##### **ANVERSO**

COROA – unida ao diadema; cruz irradiada

FRONTAL – 3 pérolas, a do centro maior, a superior unida ao arco D

ARCO IN D – as 3 primeiras pérolas unidas

DIADEMA – fechado; losangos e cruces irregulares

JOANNES – NN unidos em cima

ESCUDINHO – um traço longo do vermelho invade-o em cima, à E

REGENS – filete curvo liga a perna do R ao escudo

##### **REVERSO**

7A - Reverso do Rio - letra monetária R

BICO – hastes longas e afastadas; ponto isolado com sombra

COLURO IN E – ultrapassa a esfera e invade o bico

ZODÍACO – aberto, linhado estreito e irregular

STAB – ressalto irregular abaixo do T; A e B unido embaixo

---

<sup>1</sup> Dr. Fernando Brandão Correia / Miguel J. Nuske, *Catálogo de Patacões Falsos - Coleção Fernando B. Correia*, Monografias Numismáticas, Clube Filatélico e Numismático de Taquara/RS, 2008 - <http://www.cfnt.org.br/monografias/pf/1810/1810v7.php>

PÉ – hastes espaçadas, cortadas pelos travessões, o inferior bem menor

7ª - DISCO PRÓPRIO METAL Ag Ø 40 mm PESO 28,15 g (primeira foto – abaixo)

7A1 - DISCO PRÓPRIO METAL Ag Ø 39 mm PESO 25,5g (segunda foto – abaixo)

7A2 - DISCO PRÓPRIO METAL Ag Ø 38 mm PESO 25,95g (terceira foto – abaixo)



Figuras 3, 4 e 5: Exemplos de falsificações de 1810R da coleção Brandão

O patacão, assim como a maioria das moedas cunhadas antes do advento da cunhagem mecânica a vapor, se destaca por uma certa “rusticidade” dos cunhos. Há cunhos mais finos, outros mais grosseiros, mas em geral há uma grande variação de qualidade, atestando a diversidade das habilidades manuais e artísticas dos diversos abridores de cunho. Esta variação é que dá origem à maioria das variantes (tracículos, pontículos, sombras, mais à direita, mais à esquerda, hachuras, empastados, etc).

Os ensaios conhecidos de 960 réis, todos com data de 1809, apresentam uma ótima qualidade e estilo bem característico, uma vez que foram cunhados em uma prensa a vapor (enquanto que os 960 réis eram cunhados em prensas manuais), pela empresa britânica Soho Mint, com cunhos abertos com bastante cuidado e de excelente qualidade (a Soho mint qual tinha como intenção demonstrar as qualidades da cunhagem mecânica na expectativa de vender maquinário para as casas de cunhagem brasileiras<sup>2</sup>).

De forma oposta, temos à disposição para estudo uma grande quantidade de um tipo de moeda considerada falsa da época – a chamada suposta para São Paulo. Todo colecionador de 960 réis com um mínimo de treinamento é capaz de identificar estas moedas. Mais que qualquer outra coisa, chama a atenção a qualidade da abertura do cunho, que em geral é mais rústico, mais grosseiro do que o do patacão típico<sup>3</sup> – nota-se isso facilmente nos florões, numerais, perolagem, castelos, escudetes, letra monetária, zodíaco.

<sup>2</sup> Gilboy, Frank Firth, *Misadventures of a Mint – Boulton, Watt & Co. and the ‘Mint for the Brazils’*, British Numismatic Journal, vol. 60, pp.113-20, 1990; e Levy, David A. – *A Cunhagem a Vapor para a Casa da Moeda do Rio de Janeiro nos ‘Brasis’*, Boletim da SNB, N° 54, 2º Semestre de 2004

<sup>3</sup> Ildemar Magraf, *Catálogo Descritivo dos 960 Réis - Supostas para São Paulo*, Curitiba, 2012.

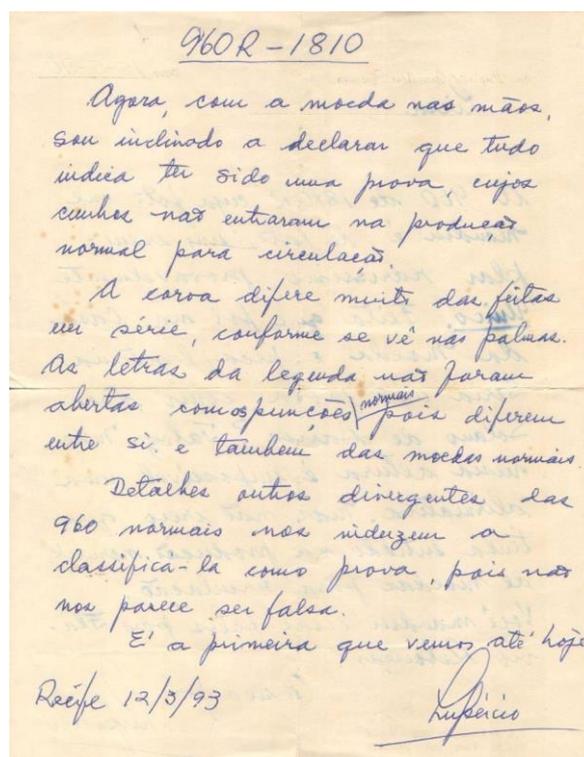
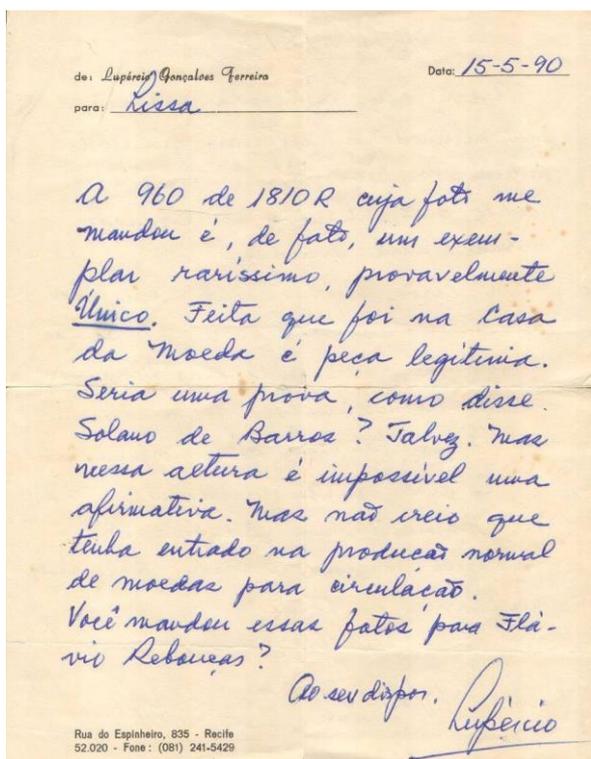
Assim sendo, do ponto de vista de estilo do cunho, podemos perceber a seguinte sequência (do melhor para o pior): ensaio 1809, patacão típico do Rio, patacão típico da Bahia, suposta para São Paulo<sup>4</sup>.

Pois bem, ao passar a “prova” de 1810R por um exame, em comparação ao estilo de cunhagem dos 960 Réis do Rio e da Bahia, se constata facilmente que:

- 1 – A tipologia é diferente;
- 2 – Cruz bisonhamente estrelada (pode ser considerada irradiada para outros - depende da interpretação)
- 3 – Coroa peculiar (arcos internos com pérolas "rabiscadas" - palmas centrais em formato de dois florões, sendo um encimado);
- 4 – Castelos e escudetes com desenho diverso;
- 5 – O da data incrivelmente "quadrado";
- 6 – As folhas dos florões em tamanhos distintos (especialmente as folhas apontadas para o escudo - menores);
- 7 – Esfera Armilar diferente (coluros típicos da Bahia - não tocam conjuntamente a esfera e o meridiano no norte e no sul);
- 8 – Nota-se alguns traços da serrilha "floreada", ao estilo colunário/sol argentino (flor-de-lis).

Em outras palavras, dizer que a moeda em questão seja uma “prova”, seria admitir a existência de um “ensaio” com um estilo de cunho e uma qualidade artística notadamente inferior a pior moeda em estilo da sequência acima. Somente este fato, ou seja, a conclusão após um exame visual razoavelmente atento, já seria mais que suficiente para levantar altíssimos questionamentos quanto a originalidade da peça.

A comparação a três moedas falsas da “mesma variante” (peças pertencentes a coleção de patações falsos de Fernando Brandão Correia), portanto, faz com que já não haja qualquer dúvida.



Figuras 5 e 6: Cartas de Lupércio G. Ferreira datadas respectivamente 15/5/1990 e 12/3/1994 primeiro especulando sobre a origem da peça e posteriormente concluindo tratar-se de uma prova

<sup>4</sup> Ainda que os ensaios de 1809 sejam mais parecidos com as moedas do Rio, enquanto que as supostas para São Paulo são mais parecidas com os patações da Bahia, é fato aceito pela comunidade numismática que os patações do Rio são mais refinados que os da Bahia, portanto consideramos a sequência proposta como uma que será reconhecida pela maioria dos colecionadores.